

SUBJETIVIDADE E VERDADE: A ESCRITA DE SI NAS CARTAS DE SÊNECA A LUCÍLIO À LUZ DE FOUCAULT

SUBJECTIVITY AND TRUTH: YOUR WRITING IN THE LETTERS OF SENECA TO LUCILIUS IN THE LIGHT OF FOUCAULT

Vilmar PRATA¹

RESUMO

O que Foucault identifica como práticas de subjetivação entre os indivíduos e mais especificamente, no caso que trago à luz para essa discussão, entre mestre e discípulo, ele propõe uma visada que estabelece como ponto de partida o *ethos* grego, que, aliás, teve influência direta no pensamento helenístico posterior. Fazendo surgir o problema da constituição do sujeito, a partir do interesse pela verdade, a verdade de si, que, conseqüentemente, acaba indo de encontro à verdade do outro. Tentando dissolver a problemática levantada em questionamentos que o inquietava e o levou a colocá-lo como critério norteador para se pensar e estabelecer o tripé: sujeito, subjetividade e verdade, Foucault com a coragem típica de um filósofo comprometido com a filosofia, enfrenta questões levantadas por ele mesmo a partir de suas leituras e pesquisas que possivelmente permanecerão sem uma resposta à altura. Esse problema se eleva ainda hoje como um leviatã, o mesmo que desafiou os olhares mais criteriosos da filosofia antiga, atravessando toda história do pensamento ocidental, e, ainda hoje, com a mesma força de antes, se levanta diante dos olhos do filósofo da atualidade, para pensar o que Foucault apontou como sua grande questão filosófica: a problematização do sujeito! Para nos ajudar a pensar sobre a subjetividade e a verdade, temas tão caros ao filósofo francês, vou elencar para esta reflexão alguns fragmentos da carta IX, de Sêneca a Lucílio cujo título é *Sobre Filosofia e Amizade*, propondo assim, pensar tais questões à luz do estoicismo, objeto teórico em que Foucault lançou mão para se pensar esse sujeito, que se constitui a partir do outro, a partir da relação mestre-discípulo.

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. Membro do Grupo de Pesquisa em Filosofia Antiga VIVAVOX e bolsista CAPES. ORCID: 0000-0001-9629-5461. E-mail: vilmarlabedisco@gmail.com.



PALAVRAS-CHAVE

Foucault; Sêneca; Subjetividade; Verdade; Sujeito.

ABSTRACT

What Foucault identifies as subjectivity practices between individuals and more specifically, in the case that I bring to light for this discussion, between teacher and disciple, he proposes a view that establishes the Greek ethos as a starting point, which, incidentally, had an influence direct in later Hellenistic thinking. Raising the problem of the constitution of the subject, from the interest in the truth, the truth of the self, which, consequently, ends up going against the truth of the other. Trying to dissolve the problem raised in questions that worried him and led him to put it as a guiding criterion for thinking and establishing the tripod: subject, subjectivity and truth, Foucault with the typical courage of a philosopher committed to philosophy, faces questions raised by himself from his readings and research that possibly will remain without a proper answer. This problem still rises today as a leviathan, the same that challenged the most discerning eyes of ancient philosophy, crossing the entire history of Western thought, and, even today, with the same strength as before, it rises before the eyes of the current philosopher, to think about what Foucault pointed out as his great philosophical question: the problematization of the subject! To help us think about subjectivity and truth, themes so dear to the French philosopher, I will list for this reflection some fragments of letter IX, from Seneca to Lucílio whose title is About Philosophy and Friendship, thus proposing to think such questions in the light stoicism, a theoretical object that Foucault used to think about this subject, who is constituted from the other, from the master-disciple relationship.

KEYWORDS

Foucault; Seneca; Subjectivity; Truth; Subject.

SUBJETIVIDADE E VERDADE NA ESCRITA DE SI

Dentre as práticas sociais de relações entre os indivíduos ao longo dos séculos desde a antiguidade, a fala ocupa um lugar merecidamente de destaque, e aqui, quero chamar a atenção, especificamente, para a confissão. Confessar-se a si mesmo é um ato de subjetivação de si inerente nas relações



humanas, e, Foucault (2019, p. 86) lembra que “Sob a forma de confissão o sujeito é ao mesmo tempo o sujeito que fala e o objeto do qual fala”, exercendo por sua vez, um movimento reflexivo e dinâmico, do qual aquele que fala de si, se confessa, é potencialmente tocado pela necessidade de voltar-se a si, e, uma vez tendo feito esse retorno, se eleva em direção ao seu ouvinte, este, por sua vez, se permite num gesto semelhante de conversão a si, deixar ou não, se envolver por todas as nuances que compõe a fala do outro a ele confessada.

É inegável que as cartas trocadas por milhares de pessoas em todo mundo, marcaram ao longo dos séculos os registros das relações interpessoais em variadas situações sociais e políticas, carregando em seus escritos os interesses específicos de cada assunto tratado entre os respectivos envolvidos. Essas correspondências variavam muito conforme as necessidades e os objetivos expostos nessas linhas, como por exemplo, minimizando distâncias entre amantes, servindo de acordos políticos, diretrizes religiosas e diretrizes interpessoais de conduta educacional, social e pessoal. As cartas foram por muitos séculos o único meio de comunicação a longa distância, e porque não dizer, perdurando até poucos anos atrás, como a mais confiável.

De igual maneira, dentro da arte da escrita no seio da tradição filosófica que se inicia com os gregos, as cartas foram ocupando lugar de destaque dentre as técnicas de comunicação utilizadas, tornando-se de suma importância para aproximar e sustentar a relação entre aqueles indivíduos que buscavam conhecimento, a saber, mestre e discípulo. Trata-se de um modelo de relação estabelecida e bem conhecida desde a antiguidade nas escolas filosóficas, como as escolas Socrática e Pitagórica. Posteriormente, essa técnica de escrever sobre si por meio de cartas, para ensinar e aprender, foram sendo tomadas como modelo por outras escolas, referindo-me especificamente



aqui, ao período helenístico, ao estoicismo, também conhecido como a *stoá*, os então chamados de *filósofos do pórtico*.

Um detalhe a ser observado e que faz total diferença no conteúdo dessas cartas e que Foucault nos lembra no decorrer de seus cursos, é que, de modo geral, nessas escolas, o mestre era mais velho e apresentava mais experiência acumulada ao longo da vida, e, justamente por isso, teria mais condições de orientar os outros que se dispunham a se tornarem discípulos e aprendizes do conteúdo filosófico proposto. Estes, normalmente mais novos, buscavam auxílio de alguém mais experiente em determinados assuntos referentes ao cotidiano por motivos variados. Interessavam-se pelas técnicas apropriadas a serem empreendidas no conhecimento de si, no governo de si, na arte de viver, na *teknetoubiou*, no aprimoramento da própria vida, física e espiritual, visando o conhecimento de si que permitiria um cuidado melhor de si, para que assim, pudessem se governar e governar os outros, favorecendo a preservação da vida a um nível de qualidade desejável no âmbito pessoal e social.

O interesse pela sabedoria com olhos voltados ao governar os outros, iremos constatar já nos gregos, a exemplo de Alcebíades, discípulo de Sócrates, que tinha o governo da *polis* como objetivo principal. Posteriormente, dá-se um deslocamento de interesse, não que as questões políticas tenham sido deixadas de lado, mas o interesse pela chamada *vida feliz*, conforme os estoicos se referiam, a uma vida plena, pautada por atitudes éticas aplicadas no cotidiano de quem quisesse adotar essa proposta como *modus vivendi*, direcionado sempre pela voz do mestre que indicava as técnicas apropriadas que favoreciam o controle dos próprios desejos, a partir da harmonização com a natureza, passa a ser a ordem do dia. Haja vista as cartas trocadas entre o mestre estoico Sêneca e



seu discípulo Lucílio, das quais, no decorrer deste trabalho, irei trazer uma especificamente parareflexão à luz de Foucault.

Essa relação estabelecida entre mestre e discípulo ao longo da filosofia antiga, dos gregos aos helenistas, sendo acentuada no estoicismo, chama a atenção do filósofo francês, que, por sua vez, dentre as suas reflexões desenvolvidas a partir de 1980, propõe pensar o sujeito da atualidade e seus processos de constituição de si, retomando, dentre tantos textos da antiguidade, fragmentos dessas cartas, lançando luz para o fato de que:

As cartas de Sêneca mostram uma atividade de direção que um homem de idade e já retirado exerce sobre outro que ainda desempenha importantes funções públicas. Em tais cartas, porém, Sêneca não se limita a tirar informações acerca de Lucílio e dos seus progressos; não se contenta em dar-lhe conselhos e comentar para ele alguns princípios maiores de conduta. Por meio dessas lições escritas, Sêneca continua a exercitar-se a si próprio, em função de dois princípios que invoca frequentemente: que é preciso aperfeiçoar-se toda a vida e que a ajuda alheia é sempre necessária ao labor da alma sobre si própria. (FOUCAULT, 1992, p. 146)

Neste viés, as práticas de refinamento do cuidado de si (*epimeleiaheautou*) e tudo que isto abarca, está diretamente atrelado ao cuidado do outro, por parte de quem orienta, bem como, por parte de quem é orientado, pois sendo bem instruído, potencialmente e supostamente, o discípulo adquire condições de assumir posturas mais coerentes, independentes e eficazes diante dos acontecimentos da vida, podendo, com o passar do tempo e das experiências acumuladas, ocupar também o lugar de mestre e, conseqüentemente, instruir outras pessoas. Trata-se de um jogo que não se estagna em lugares pré-definidos e ocupados pelos envolvidos, cuja subjetividade dos sujeitos envolvidos nos papéis de mestre e discípulo está crivada pelo movimento dinâmico que



oscila entre o aprender e o ensinar, tendo como principal objetivo ser um verdadeiro amigo da sabedoria, ou seja, ser um autêntico filósofo.

É possível considerar que o foco principal nessas relações é o alcance da temperança (*enkrateia, temperantia*) por meio do conhecimento da verdade (*aletheia*) que ocorre através de um longo processo de subjetivação de si. Fazendo uma ressalva de que não se trata de qualquer verdade, mas sim, a verdade referente ao próprio eu, enquanto sujeito que se constitui por meio de práticas que decorrem das instruções filosóficas que se lhe apresenta por meio do mestre, que toma a filosofia como guia nesse percurso, cuja meta é justamente a felicidade alicerçada na sabedoria e na verdade que se alcançam por meio do cuidado e do conhecimento de si, e, esse percurso, de modo algum, como é destacado repetidas vezes, tanto pelos gregos como pelos helenistas, pode se percorrer sozinho.

Neste sentido, Foucault, na aula do dia 1 de fevereiro de 1984, de seu curso sobre *A Coragem da Verdade*, primeira hora, vai chamar a atenção para o fato de que é necessário

Analisar em suas condições e em suas formas, o tipo de ato pelo qual o sujeito dizendo a verdade, se manifesta, e com isso quero dizer; representa a si mesmo e é reconhecido pelos outros como dizendo a verdade. Não se trataria, de modo algum, de analisar quais são as formas do discurso tais como ele é conhecido como verdadeiro, mas sim: sob que forma, em seu ato de dizer a verdade, o indivíduo se constitui e é constituído pelos outros como sujeito que pronuncia um discurso de verdade, sob que forma se apresenta, a seus próprios olhos e aos olhos dos outros, quem diz a verdade, qual é a forma do sujeito que diz a verdade. (FOUCAULT, 2011, p. 04)

A subjetivação, nesse viés, é primordial à constituição de si, pois é por meio dela que o sujeito terá condições de emergir nas entranhas do indivíduo



que é, e, dar-lhe características próprias, simultaneamente, em contínuo fluxo de práticas que permitem se constituir e se perceber neste movimento de auto constituição. Poderíamos dizer que sem a subjetivação não há constituição do sujeito em todas as esferas que isso pode abranger em sua relação consigo mesmo e com o outro. Notemos então, que, o conteúdo discursivo das cartas de Sêneca a Lucílio, é, de modo geral, um convite a se ver de dentro pra fora, a partir do próprio olhar, e de fora pra dentro, a partir do olhar do outro, como uma espécie de espelho côncavo e convexo da própria vida.

Ainda que, em vários momentos de sua vida, Sêneca tenha deixado claro do quão árduo é alcançar essa verdade, a verdade de si, ou mesmo, que seja considerado um objetivo a ser seguido continuamente e que se finda somente com a morte. As práticas das técnicas por ele ensinadas possibilitarão que o sujeito, que se dispõe aos ensinamentos do mestre, tenha total desenvoltura nos exercícios do pleno governo de si, no controle dos prazeres por meio da razão sobre os desejos do corpo, assim como, a reserva bem medida dos sentimentos, com o intuito último de não ser governado pelas próprias emoções ou emoções alheias, mas, ao contrário, se tornar senhor dos próprios apetites e não ser escravizado pelos vícios que tudo isso pode vir a se transformar. Tais técnicas, conforme os próprios ensinamentos, devem ser consideradas ao longo de toda vida como uma *askesis*, um contínuo exercício engendrado no próprio corpo e em todas as paixões que lhe diz respeito, chegando ao fim apenas com a morte.

A CONSTITUIÇÃO DE SI NAS CARTAS DE SÊNeca A LUCÍLIO

Particularmente, nas cartas trocadas entre um mestre e um discípulo estoico, encontramos ensinamentos de regulação baseados no *logos* que orienta a natureza humana. Direcionando condutas do corpo e da alma,



por meio de orientações dietéticas de manutenção, como por exemplo, o que comer, o que beber e suas respectivas quantidades e horários, tempo de descanso, exercícios físicos, práticas sexuais, bem como orientações éticas para consigo e para com o outro nas relações sociais, e por fim, como lidar com as doenças, com a própria morte e com a morte do outro. Portanto, dentre as técnicas de ensinamento utilizadas pelos estoicos, a escrita ganhou um relevante lugar de destaque, tornando-se, conforme Foucault (1992, p. 132) vai chamar de um “ponto de aplicação aos movimentos do pensamento, o papel da prova da verdade”, numa autêntica, constante e laboriosa “escrita de si”.

Após essa breve explanação do uso da escrita por meio de cartas, como instrumento metodológico de comunicação entre as pessoas, e, afinando mais ainda para aquelas, cujo conteúdo eram de orientações para a vida, trocadas entre mestre e discípulo que tomavam o estoicismo como esteira de regras a serem observadas. Gostaria de trazer à baila um recorte de uma das obras de um dos mais conhecidos estoicos, Lúcio Aneu Sêneca (4 a.c – 65 d.c), mais conhecido apenas como Sêneca, o qual já me referi antes. Um pensador que despontou pelo seu afinamento à Escola do Pórtico e por ser conselheiro de grandes nomes da política de sua época, a saber, o imperador romano Nero. Enfim, um dos grandes nomes do estoicismo tardio ou também chamado imperial.

Sobre Sêneca e sobre as cartas que ele escreveu a Lucílio, Freitas vai esclarecer que:

São cartas destinadas ao amigo Lucílio com o propósito explícito de orientar sua formação espiritual segundo os preceitos e princípios do estoicismo, uma corrente filosófica que surgiu na Grécia em III a.C e floresceu em Roma, posteriormente, como uma proposta de prática existencial pautada pela harmonia com a natureza, entendida aqui como a ordenação harmônica do cosmo. Sêneca escreve antes da disseminação do cristianismo, portanto, num cenário pagão, mas



é um autor que entende a razão como mentora do mundo – ela é a providência divina – e o homem, enquanto microcosmo, participa dessa razão e tem sua providência pessoal [...] Essa autonomia da razão que Sêneca atribui ao ser humano é um traço de sua obra literária que o aproxima da nossa realidade centrada no “eu”, mas há também força retórica na sua produção de diálogos filosóficos e peças teatrais, com jogos de palavras e frases de efeitos, as chamadas *sententiae*. Tudo isso faz dele um autor atual. (FREITAS, 2016, pp.07-08)

Para além do extenso e relevante trabalho desse estoico, exercendo grande influência no pensamento de sua época e posteriormente no pensamento ocidental, dá-se a notar pelas palavras de Freitas, que essas cartas direcionadas a seu discípulo e amigo Lucílio, teve como intuito principal, oferecer orientações específicas conforme as necessidades, anseios e objetivos, sempre tendo como foco, a vontade de lidar melhor com as diversas situações da vida descritas nas cartas. A partir do interesse do jovem e de sua disponibilidade e experiência como filósofo, estabelece-se, então, uma relação de mestre e discípulo, cujo objetivo era basicamente a troca de experiências e de breves conselhos para a vida prática e espiritual, almejando uma relação mais saudável consigo e com o outro.

A obra em questão, intitulada *Cartas Morais a Lucílio (Epistulae Morales ad Lucilium)* reúne um total de 124 cartas, porém, devido à extensão, profundidade e densidade filosófica da obra como um todo, ficaria inviável abordá-la na íntegra neste trabalho, sendo assim, vou elencar para esta reflexão alguns fragmentos de apenas uma, a carta IX, cujo título é *Sobre Filosofia e Amizade*, que, a propósito, mais à frente delinearei os recortes que farei e que servirão como alicerce teórico para o enriquecimento deste trabalho. Tomei como critério de escolha, o tema proposto no título da carta, não por ser mais importante que as outras, que, aliás, de igual maneira, sem



exceção, são relevantemente atuais e filosoficamente necessárias em seus respectivos conteúdos temáticos, pois acompanham a humanidade de modo geral, atravessando o tempo e se fazendo pertinentes ainda hoje a reflexão sobre todos os assuntos contidos em cada uma delas.

A subjetivação do *sujeito-filósofo* em relação à verdade de si e em relação às suas amizades é que norteia os objetivos de Sêneca na carta, cujo problema tem direta influência no modo como o estoico estabelece seus pontos de apoio e prioridades nesse voltar-se a si, no cuidado de si, para acessar a constituição do sujeito e seu posicionamento ético e moral diante da própria vida e da vida alheia, colocando em pauta algumas questões que inquietaram Lucílio e pode inquietar qualquer homem ou mulher, que, independentemente da idade e da época em que vive, serão sempre questões atuais e pertinentes nesse processo de conhecimento de si, que também é um processo de subjetivação do próprio eu, enquanto indivíduo que assume a posição de sujeito que se constitui, mediante à verdade que tem como objetivo de vida.

São essas motivações, dentre tantas, que impulsionaram o jovem Lucílio a procurar Sêneca: o interesse por si, em conhecer um pouco mais de si, o querer saber quais as melhores técnicas para exercer o cuidado de si, ou ainda, quais os melhores caminhos a serem percorridos e como percorrê-los da melhor maneira para alcançar, por fim, uma postura eficaz do governo de si na mesura dos impulsos do corpo e da alma, tomando as práticas disciplinares orientadas pelo mestre como candeeiro que ilumina esse itinerário até à sua própria verdade, porque, a grande questão em jogo é essencialmente a própria verdade de si que viabiliza o conhecimento de si, atravessado pela subjetivação do próprio eu.



É neste sentido que Foucault constata que os deslocamentos realizados pelo indivíduo à condição de sujeito que se constitui a partir do processo de subjetivação do próprio eu, se inicia quando este mesmo indivíduo se revela para si e para o outro e decide falar da própria vida, porém, não se trata de falar de qualquer maneira sobre si e para qualquer um. No que confere a verdade de si, a fala do mestre é direcionada ao ouvinte atento e esperançoso por aprender a conhecer a si mesmo e fazer refletir esse conhecimento não só nos discursos proferidos, mas também, e principalmente, na própria vida, no desejo pela verdade refletida em suas ações e decisões diante de todas as situações vividas, reconhecendo que, essencialmente o interesse do mestre é prestar um serviço de orientação baseado nas próprias experiências enquanto sujeito que se constitui a cada dia à medida que se subjetiva a si mesmo. Portanto o filósofo francês vai perceber que

É fácil constatar quão grande, em toda a moral antiga, em toda a cultura grega e romana, foi a importância do princípio: “é preciso dizer a verdade sobre si mesmo”. Podemos citar, em apoio a ilustração dessa importância na cultura antiga, práticas tão frequentemente, tão constantemente, tão continuamente recomendadas como o exame de consciência prescrito pelos pitagóricos ou pelos estoicos, de que Sêneca deu exemplo tão desenvolvidos e que voltamos a encontrar em Marco Aurélio. Podemos citar também algumas práticas como essas correspondências, essas trocas de cartas morais, espirituais, de que Sêneca fez uso. (FOUCAULT, 2011, p. 5)

Desta forma, de modo geral, as cartas escritas por Sêneca aos seus remetentes, ultrapassam os limites do que podemos considerar como meras orientações disciplinares sobre paixões, mas partem exclusivamente do exame de consciência feito pelo discípulo, que após se examinar, se subjetivar, se dirige ao seu mestre, expondo a verdade de si, se revelando ao outro e



também a si mesmo, descobrindo o que estava até então encoberto numa penumbra erguida ao longo dos anos já vividos, calçados por tradições e ensinamentos muitas vezes equivocados e objetivados sobre o que é verdadeiramente ser um homem, e mais ainda, ser sujeito de si, capaz de se governar e governar o outro.

Para além desta perspectiva, as cartas se revelam como um modo próprio de emersão e ao mesmo tempo, de imersão dos sujeitos envolvidos. Ou, seja, o mestre (emitente) que escreve as cartas de orientações, emerge de si em direção ao outro, que é o remetente, seu discípulo, e ao mesmo tempo, evoca uma imersão reflexiva em direção à sua própria vida. No mesmo sentido, aquele que recebe tais cartas, faz o movimento semelhante de emersão de si para o outro e de imersão de si para si, à medida que se põe a refletir sob as palavras contidas nas cartas escritas e direcionadas pelo mestre a ele. Toda essa movimentação dá-se a partir do momento em que os envolvidos nessas trocas de correspondências, passam a se subjetivarem em relação à própria verdade, até então estabelecida de si mesmo.

Foucault apresenta a complexidade da natureza da questão que está por trás dos termos subjetividade e verdade, quando ele mesmo, levanta indagações para se pensar tais postulados sem se perder em divagações filosóficas ou manipulação de tais conceitos, indo direta e profundamente ao problema de fato. Ele vai nos dizer que

O problema subjetividade e verdade consiste, na tradição filosófica, em indagar como e em quais condições posso conhecer a verdade, ou ainda, de que modo aquele que faz essa experiência pode reconhecer que se trata realmente de conhecimentos verdadeiros? O problema filosófico subjetividade e verdade pode caracterizar-se assim: resolver a tensão entre duas proposições. Evidentemente não pode haver verdade sem um sujeito para o qual essa verdade é



verdadeira, mas por outro lado: se o sujeito é um sujeito, como pode ele efetivamente ter acesso à verdade? (FOUCAULT, 2016, p. 11)

Notemos que esse problema não se faz e não se estabelece consistentemente sem a subjetivação de si, mas é a partir do momento que o sujeito se propõe ao que podemos chamar de autotranssubjetivação, é que as questões levantadas por ele acabarão por se desdobrarem em uma rede, cujos nós, o conecta ao outro e sutilmente o objetiva. Este movimento de subjetivar-se e objetivar-se seria as idas e vindas do sujeito para dentro e para fora de si. Este outro, o mestre, vai buscar na filosofia, nos ensinamentos dos antigos, e porque não dizer, na tradição filosófica até então conhecida e estabelecida, respaldos para se pensar essa verdade do sujeito e para o sujeito, sob conceitos que se tornaram primordiais, os quais estão diretamente ligados às práticas do cuidado de si e do outro, que perfazem a ideia de governo nas relações dos sujeitos ao longo da história e que atravessam as relações de mestre e discípulo no estoicismo, como se pode averiguar, nas diversas cartas de Sêneca direcionadas a Lucílio.

Refiro-me aqui, aos conceitos de *Subjetividade* e *Verdade* e todas as nuances reflexivas que envolveram os estudos de Foucault (2016, p.5), que se refere à “subjetividade como suporte histórico para a verdade e a verdade como sistema histórico de obrigações”. Sob esse trocadilho filosófico, Foucault pôde vislumbrar o que movia e ainda move, o sujeito para dentro de si, para uma autodescoberta, que, ao mesmo tempo, está deliberado pelo *sujeito-outro* que digamos, dá o tom para que este processo seja possível de maneira séria, coesa e com raízes profundas na razão, e, conseqüentemente, numa postura ética de si para si e de si para o outro.



Dentre as dúvidas levantadas pelo filósofo a respeito do tripé sujeito/ subjetividade/verdade, quero destacar aqui as que soarão pertinentes para que, na sequência, possamos tomar como ponto de ancoragem visando pensara relação mestre-discípulo de Sêneca e Lucílio, no fragmento de carta trocada entre os dois que trarei à discussão. Foucault vai questionar

Em que a experiência que temos de nós mesmos se vê formada ou transformada pelo fato de haver, em algum lugar de nossa sociedade, discursos que são considerados verdadeiros, que circulam como verdadeiros e que são impostos como verdadeiros, a partir de nós mesmos, enquanto sujeitos? Qual marca, ou seja também, qual ferida ou qual abertura, qual coação ou qual liberação, produz no sujeito o reconhecimento do fato de haver sobre ele uma verdade a ser dita, uma verdade a ser buscada, ou uma verdade dita, uma verdade imposta? A partir do momento em que, numa cultura, há um discurso verdadeiro sobre o sujeito, que experiência o sujeito faz de si mesmo e que relação o sujeito tem a respeito de si mesmo em função dessa existência de fato de um discurso verdadeiro sobre ele? (FOUCAULT, 2016, p. 12)

Esse sujeito que emerge entre estes dois pontos dissecados por Foucault, subjetividade e verdade, é motivado a ocupar-se de si, a se disciplinar, a saber mais de si, para ser capaz de ter e manter o controle sobre suas próprias paixões, sobre todas as tendências que podem anuviar o efeito da verdade nas práticas constitutivas, que o farão deixar de ser um mero indivíduo e tornar-se sujeito. Mas o grande problema é saber como surge, como se estabelece, como é preservada e ensinada essa verdade, a partir de uma tradição filosófica, no caso em questão, uma tradição estoica, a partir da relação mestre-discípulo. A importância do outro no estoicismo está efetivamente na relação ética que se impõe como norteadora de toda conduta que vai do subjetivar-se ao objetivar-se e vice-versa, seja do mestre,



seja do discípulo, ambos como sujeitos de verdade para si e para o outro, na constituição que se dá através da conversão a si e emersão ao outro.

SOBRE AS CARTAS DE SÊNECA A LUCÍLIO

É a partir desses apontamentos encontrados em Foucault e apresentados até aqui, mas também o trabalho de tradução de Dinucci, que podemos perceber a atualidade dos temas encontrados e discutidos nessas cartas, bem como sua importante contribuição ao longo da filosofia ocidental até nossos dias. Dinucci descreve sua experiência como filósofo e tradutor ao trabalhar nessas cartas de tal maneira, que desperta no leitor o interesse em conhecer e saber mais sobre essa relação *mestre-discípulo* dada nessas linhas epistolares entre Sêneca a Lucílio. Ele vai explicar que

As seguintes cartas, as traduzi diretamente do latim. Selecionei-as a partir da célebre obra *Cartas a Lucílio*, que Sêneca compôs na última fase de sua vida. São ao todo nove cartas que não me canso de ler, e que falam sobre filosofia e amizade (carta IX), sobre a divindade no humano (carta XLI), sobre os vários aspectos da virtude (Carta LXVI), sobre a aprendizagem do conhecimento na velhice (carta LXXVI), sobre a resistência à adversidade (carta LXXXII), sobre o uso prudente do vinho (carta LXXXIII), sobre como resistir com espírito equânime às vicissitudes (carta XCVIII), sobre o perigo que vem do homem e o cultivo prudente da filosofia (carta CIII) e, finalmente, sobre a necessidade de estarmos preparados para tudo o que possa ocorrer (carta CVII). (DINUCCI, 2020, p. 3)

As nove cartas citadas por Dinucci têm de igual maneira a urgência do sujeito em se constituir e se conhecer, e, neste processo de voltar-se a si por meio do cuidado de si, atravessado pelo cuidado e governo do outro, ter as reais condições de se governar. Das cartas indicadas por Dinucci, tomarei, como já mencionado, alguns fragmentos da carta IX, cujo tema discorre sobre



filosofia e amizade. Trata-se de uma carta longa, e, por este motivo, não será possível neste trabalho apresentá-la na íntegra, nem tão pouco oferecer uma discussão em todas as suas nuances que o tema abordado oferece, uma vez que, a temática sugerida por Sêneca nessas linhas, é demasiadamente inesgotável. No entanto, tentarei expor uma breve reflexão sobre o tema proposto a partir de Foucault, viabilizando possíveis futuros novos trabalhos sobre o assunto.

CARTA IX: SOBRE FILOSOFIA E AMIZADE

Na carta IX supracitada, Sêneca não inaugura um tema inédito na filosofia, ao contrário, já entre os pensadores gregos, a saber, Platão, por exemplo, em vários momentos de suas reflexões, dedica-se a expor e discutir sobre o filósofo, ou seja, o sábio e suas relações com os outros, o que significa dizer, suas relações de amizade. Um assunto considerado importante dentro da filosofia grega não deixou de ser menos importante na filosofia helenística, uma vez que, o próprio estoicismo, por meio de seus filósofos, como o próprio Sêneca ao longo da carta e outros exemplos que ele vai dando a título de ilustração a Lucílio, buscou compreender e discorrer sobre o homem sábio e suas relações com seus respectivos amigos, ou seja, como o próprio título da carta indica, sobre a filosofia e a amizade.

O foco principal da carta, portanto, é justamente tentar explicitar e compreender como se dá, ou como deve ser concebida as relações instituídas entre um homem sábio, entre um homem que dedica sua vida à filosofia, com seus amigos. Quais prioridades devem ser levadas em consideração, que tipo de amizade deve ser preservada ou não, quais os limites a serem estabelecidos e até que ponto um filósofo pode e deve contar com o auxílio



de um amigo sem esbarrar na triste condição de oportunismo de ambas as partes. A questão da dependência afetiva dessa relação é a grande preocupação, e é justamente este vínculo afetivo que faz com que Sêneca ao longo de toda carta busca mostrar a Lucílio como um filósofo deve se colocar em suas relações, seja com quem for, independente do cargo político ou econômico, da beleza física ou da idade que este, ou estes amigos ocupam ou se encontram.

O grande problema não é ter e cultivar as amizades, mas como é adquirida e como é cultivada, essa é a preocupação do estoico e é esse esclarecimento que ele busca passar a seu discípulo. Esta carta tem como meta, a subjetivação daquilo que é tomado como verdade pelo sujeito, especialmente, tratado no tema da amizade e da filosofia. Dinucci faz uma observação relevante sobre as cartas de Sêneca e sobre o próprio filósofo romano que corrobora para pensar a subjetivação desse sujeito que se constitui e é constituído a partir dessa busca pela verdade de si com e a partir do outro, afirmando que

Estas cartas são remédios que curam a alma de ignorâncias capazes de nos engendrar paixões dolorosas e terríveis. Escritas no auge de uma das maiores civilizações que já houve sobre a face da terra, o romano Sêneca faz jus à sua estirpe. Com a capacidade de enxergar a realidade e o que há de perene no cotidiano e na existência humana, livre das ideologias que, alguns séculos após a sua morte, começariam a paulatinamente cegar os ocidentais, as palavras de Sêneca falam para os humanos de todos os tempos, destravando nossa visão e nossa mente das avalanches de tolices que nossos contemporâneos apregoam por toda parte como fossem verdades. (DINUCCI, 2020, p. 3)

Essa característica atemporal presente nas cartas de Sêneca que chama a atenção de Dinucci é exatamente o que as tornam subjetivas em seu conteúdo, ao ponto de serem apropriadas a qualquer indivíduo e em qualquer época aos enfrentamentos pertinentes de um determinado sujeito



que deseja se constituir à luz da verdade, lapidada pelo crivo da filosofia. É pelo seu conteúdo disciplinar e criterioso ao tratar das paixões, dos vícios e da vida de modo geral, e, mais ainda, por ser direcionada a servir de instrumento no cuidado e no governo do outro, bem como aplicadas a si mesmo, é que Sêneca chamou a atenção de Foucault, pois as cartas senequianas se revelaram aos olhos do filósofo francês, como uma frutífera fonte teórica para se tentar entender o sujeito antigo e seus modos de se constituir, sem excluir a possibilidade de uma reflexão voltada para o sujeito da atualidade, seus desafios e seus modos de se relacionar consigo e com o outro, pois ao entendimento foucaultiano, o problema da constituição do sujeito também é atemporal.

Passamos então direto a alguns trechos da carta para nos ajudar na reflexão. Logo no início da carta, Sêneca (2011, p. 117) faz referência à questão levantada pelo seu discípulo: “desejas saber se Epicuro repreende com razão os que dizem o sábio bastar-se a si mesmo e, por causa disto, não ter necessidade de amigo”.² O problema apresentado por Lucílio parte de uma dúvida referente a uma das orientações de Epicuro direcionado aos que buscam a sabedoria como modo de vida. O impasse, portanto, é como conciliar e se é possível essa conciliação, de uma vida dedicada à filosofia e ao mesmo tempo às amizades.

Diante da dúvida apresentada, Sêneca (2011, p. 118) se adianta ao considerar que “o sábio bastar-se-á a si mesmo. Todavia, também deseja

² No original em latim lê-se: *Anmeritoreprehendat in quadamepistulaEpicuruseosquidic untsapientem se ipso esse contentum et propter hoc amico non indigere, desiderasscire.* Cf. Prometeus - Ano 4 - Número 8 – Julho-Dezembro/2011, p. 121.

ter amigo, vizinho e companheiro, ainda que baste a si mesmo.”³ Ou seja, a sabedoria não deve ser motivo para o isolamento do sábio, mas ao contrário, deve ser motivo de agregação, de partilha. Não há problema algum para o homem sábio desejar ter amigos e cultivá-los, porém, nunca poderá perder de vista que ele deverá sempre, ser em primeiro lugar, o melhor amigo de si mesmo, não perdendo de vista o zelo a si, afastando qualquer tipo de dependência que possa desencadear vícios e paixões que o fará se perder de si mesmo e cair num jogo capcioso do qual poderá ser muito complicado sair.

O sábio deve administrar suas relações ao passo que, elas possam, de modo geral, serem agregadoras ao seu projeto de constituição de si, no que confere ao cuidado e ao governo de si, e, ao mesmo tempo, que também permita oferecer aos seus respectivos amigos, disfrutar da sabedoria que possui, numa relação que também não escapa ao jogo emblemático *saber-poder*, corroborando para que o outro também se constitua ao nível de poder cuidar e governar a si próprio. Isso consiste exatamente nas práticas disciplinares e das técnicas de si passadas do mestre para o discípulo que reverberam na transformação da própria subjetividade dos sujeitos envolvidos, da qual Foucault faz referência, ao delinear o movimento do indivíduo em direção à própria constituição de si:

Os modos pelos quais nos tornamos sujeitos, os modos de “subjetivação”, aparecem e se desenvolvem historicamente como “práticas de si”, embora vigorem dentro de práticas discursivas (saberes) e práticas de poder que testemunham pela descontinuidade de suas formas históricas. (FOUCAULT, 2011, p. 23)

³ No original em latim lê-se: *Sed tamen et amicū habere vult et vicinū et contubernalem, quamvis sibi ipse sufficiat.* Cf. *Prometeus* - Ano 4 - Número 8 – Julho-Dezembro/2011, p. 122.



Foucault parece compreender a partir dessa afirmação que a relação *mestre-discípulo* que também não deixa de ser uma relação de reciprocidade e de amizade constituída entre os envolvidos aqui em questão, Sêneca e Lucílio, é calçada pelas descontinuidades históricas de cada um e por uma tradição filosófica ensinada e aprendida, cujo saber institui o lugar de poder, e o lugar de poder dá o tom do conteúdo discursivo (saberes) que possui o mestre e o coloca como alguém que tem algo a ensinar, algo a dizer, e que, principalmente, possui sabedoria suficiente para tanto. Como o próprio mestre estoico indica ao tratar seu discípulo como amigo, estreitando o laço entre os dois sem quebrar alguns protocolos padrões de uma relação entre alguém que orienta e alguém que é orientado, sem escapar, portanto, do que Foucault vai problematizar sobre as relações de saber e poder.

Essa relação *saber-poder* entre um filósofo e alguém que ele escolhe para ser seu amigo, ganha outro tom, mais delicado e gentil eu diria, quando é ilustrada por Sêneca na carta, ao referir-se à máxima de Hécato, filósofo estoico de Rhodes, aluno de Panécio. Sêneca (2011, p. 118) faz a pontual e pertinente referência: “Disse Hécato: “Eu te mostrarei um filtro amoroso sem droga, sem ervas, sem encantamento de feiticeira alguma: se desejas ser amado, ama”⁴. Para deixar ainda mais claro o que pretende mostrar a Lucílio, Sêneca continua:

O sábio, mesmo que baste a si mesmo, todavia deseja ter amigos, se por nenhuma outra razão, para que cultive a amizade e não esteja ociosa tão grande virtude, <e> não para isto que dizia Epicuro naquela mesma carta: “para que tenha quem esteja ao seu lado

⁴ No original em latim lê-se: Hecatonait, ‘ego tibi monstrabo amatorium sine medicamento, sine herba, sine ullius veneficae armine: si vis amari, ama’”. Cf. Prometeus - Ano 4 - Número 8 – Julho-Dezembro/2011, p. 122.



quando doente, para que o socorra quando lançado à prisão ou quando sem recursos”, mas para que tenha alguém a quem ele esteja ao lado quando enfermo, para que tenha alguém a quem liberte quando prisioneiro, quando esteja oprimido pelo inimigo. Quem só vê a si mesmo e, em razão disto, caminha para a amizade, nutre más intenções. Do mesmo modo que começa <a ser amigo>, assim deixa <de sê-lo>. Alguém obteve um amigo tendo em vista um auxílio para escapar à prisão; quando primeiramente a corrente crepitar, <o amigo> (9) afastar-se-á. Estas são as amizades que o povo chama de “temporárias”; quem foi tomado como amigo por causa da utilidade, agradecerá por quanto tempo seja útil. Por isto, uma turba de amigos senta-se à volta dos prósperos; ao redor do arruinado há solidão, e fogem os amigos daí onde são testados. (SÊNECA, p. 118)⁵

O que faz dos ensinamentos de Sêneca tão singular é justamente o fato de que o sábio não deve se limitar às trincheiras do jogo *saber-poder*, mas que tenha a coragem de ir além. O sábio deve ser aquele que esteja pronto para socorrer seus amigos nos momentos de agrura, porém, em hipótese alguma, deve esperar e tampouco depender dessa reciprocidade. Caso lhe falte, o desapontamento e a decepção será inevitável, constrangedor e triste, no entanto, o homem sábio, não pode se deixar afetar por tal ocorrido, muito

⁵ No original em latim lê-se: *Nunc ad propositum revertamur. Sapiens etiam si contentus est se, tamen habere amicum vult, si nihil aliud, ut exerceat amicitiam, ne tam magna virtus iaceat, non ad hoc quod dicebat Epicurus in hac ipsa epistula, ‘ut habeat quis ibi aegro assideat, succurrat in vincula coniecto vel inopi’, sed ut habeat aliquem cui ipse aegro assideat, quem ipse circumventum hostili custodia liberet. Qui se spectat et propter hoc ad amicitiam venit male cogitat. Quem admodum coepit, sic desinet: para vitamicum adversum vinclalaturum opem; cum primum crepuerit catena, discedet. [9] Hae sunt amicitiae quae temporariae populus appellat; qui utilitatis causa assumptus est tam diu placebit quam diu utilis fuerit. Hac re florentes amicorum turba circum sedet, circa eversos solitudo est, et inde amicum fugiunt ubi probantur; hac re ista tot nefaria exempla sunt aliorum meture linquentium, aliorum metuprodentium. Necesse est initiis inter se et exitus congruant: qui amicus esse coepit quia expedit <et desinet quia expedit>; placebit aliquod pretium contra amicitiam, si ullum in illa placet praeter ipsam. Cf. Prometheus - Ano 4 - Número 8 – Julho-Dezembro/2011, p. 122-123.*



menos cobrar ou julgar o amigo que lhe faltar, deverá sim, seguir sua vida sempre de maneira que sua liberdade não seja afetada pelas ações dos outros, seja sua própria condição de homem livre, seja sua capacidade de resignação e cordialidade, até mesmo a quem lhe faltou no momento que precisou.

A carta aqui apresentada e pontuada em alguns fragmentos é de fato um detalhamento de como Sêneca pensa a filosofia e a amizade, é do início ao fim, uma exaltação à importância da amizade na vida do homem sábio, definindo com a cautela própria de um filósofo os bons frutos que podem advir dessa relação, bem como os perigos que podem surgir enquanto armadilhas nesse jogo que às claras vistas, é tão somente um jogo de *saber-poder*, que, reivindica seu lugar nas relações entre o filósofo e seus respectivos amigos. O lugar do filósofo é, portanto, conforme a carta, ao lado de seus amigos, servindo-os com o que tem de melhor, a sabedoria da qual se alimenta todos os dias de sua vida.

Em suma, Sêneca esclarece a Lucílio na referida carta IX, é que ser filósofo não é ser alguém isolado e solitário, mas ao contrário, é ser alguém inserido e consciente de seu papel na sociedade em que vive, junto aos mais próximos e aos mais distantes, fazendo reluzir a luz da filosofia aos que se encontram perdidos ou sedentos por sabedoria, pela genuína sabedoria da qual se alimenta o verdadeiro sábio: a sabedoria libertadora e inclusiva, que penetra todas as cearas sociais do indivíduo, seja as relações interpessoais como as relações políticas ao nível da *polis*, como já se pretendiam os gregos, testemunhando no seu modo de vida, em palavras e atitudes todo conteúdo filosófico presente em seu discurso e na sua própria vida, no caso de Sêneca, do pensamento estoico ensinado na tradicional e respeitada escola do pórtico: no estoicismo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar das cartas de Sêneca, de modo geral, seja de uma em especial como fiz neste trabalho, ou de todas as cartas, seja um pequeno fragmento ou mesmo uma carta inteira, requer muita atenção e um laborioso esforço por tentar absorver toda riqueza da ceiva que se encontra em cada palavra, frase e orientação do mestre estoico. Essa empreitada, arrisco-me a afirmar que é praticamente, quase impossível, ou de fato, impossível. Por ter consciência da complexidade filosófica que possuem essas cartas e, especialmente a carta que dediquei uma atenção maior, é que tenho a plena consciência de que propus um trabalho que não se esgota em seu potencial reflexivo, pois a cada momento que se volta a essas linhas epistolares do mestre estoico Sêneca ao seu discípulo e amigo Lucílio, vamos nos deparar com um novo ângulo, uma nova perspectiva, tão desafiadora e tão surpreendente quanto a impressão do contato anterior.

É nesse sentido que tentei me arriscar com muito esmero, e, porque não dizer, ousadia. Digo ousadia porque não é um trabalho simples nem óbvio em sua execução, mas sem dúvida alguma, é um trabalho gratificante que proporciona aprendizagem e a oportunidade de reflexão ímpar sobre questões relacionadas tanto ao sujeito da antiguidade, quanto ao sujeito da atualidade, a saber, questões cuja gravidade e pertinência sempre foi relevante enquanto problema filosófico para todos os filósofos e filósofas que dedicaram e dedicam suas vidas a pensar os problemas que emergem de temas como a subjetividade e a verdade, que em suas respectivas raízes epistêmicas trazem à luz o grande problema filosófico que reúne todos esses eixos temáticos: O sujeito!

Exatamente esse grande problema filosófico que, como já levantado no início deste trabalho e motivo pelo qual me dediquei a escrever essas



linhas e compartilhar com o leitor, é que foi para Foucault seu foco, seu problema, e, a partir do momento em que esse grande filósofo reconheceu o sujeito como problema filosófico é que todo seu trabalho de pesquisa e reflexão passou a destrinchar todas as camadas que envolvem a constituição do sujeito, tentando à luz dos antigos, compreender como este processo é possível a partir do cuidado de si e do cuidado do outro, do governo de si e do governo do outro.

REFERÊNCIAS

DINUCCI, Aldo. Prefácio. In: **Lúcio Aneu Sêneca**. Cartas Seleccionadas. Trad. Aldo Dinucci. Ed. Auster, 2020.

_____. **Lúcio Aneu Sêneca**. Cartas IX (Sobre Filosofia e Amizade). Prometeus, Ano 4, Número 8, julho-dezembro/2011, pp. 118-125.

FREITAS, Renata Cazarini de. **Sêneca: Edificar-se para a morte** (Das Cartas morais a Lucílio). Petrópolis: Vozes, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

_____. As técnicas de si. In: M. Foucault. **Ditos e Escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988. Vol. I, pp. 264-297.

_____. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A Coragem da Verdade**. O governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France (1983-1984). Trad. Eduardo Brandão. Ed. Martins Fontes, 2011.



_____. **Subjetividade e Verdade.** Edição: Frédéric Gros. Tradução: Rosemary CosthekA bilio. São Paulo: editora Martins Fontes, 2016.

_____. **História da Sexualidade IV.** As confissões da carne. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: ed. Relógio D'água, 2019.